

# Má educação na **Primeira manhã** de Dalcídio Jurandir

Paulo Nunes\*

## Resumo

Este texto demonstra o modo como, através da ficção, a literatura representa os descaminhos da sociedade capitalista. No romance **Primeira manhã**, Dalcídio Jurandir trama, a partir da personagem Alfredo, a denúncia das mazelas da educação formal brasileira.

Palavras-chave: Representação, **Primeira manhã**, Dalcídio Jurandir, Educação e Exclusão.

Experimentemos todas as técnicas e concepções do romance mas, sobretudo, experimentemos em nossos romances este tema virgem, vasto e múltiplo que é o Brasil, a sociedade brasileira, isso que nos dá o nosso povo, essa sua verdade para eu possa lhe retribuir com nossa literatura – sermos dignos de uma vocação de nosso tempo e dos demais tempos. (Dalcídio Jurandir)

Num tempo em que se fala reiteradamente em políticas de inclusão, não é demais propor a leitura do romance **Primeira manhã**, de Dalcídio Jurandir. Motivos não faltam para tal sugestão, pois que este livro faz-se fundamental como representação de um Brasil escarnado, posto à prova, capítulo a capítulo, em que a “aristocracia dos pés no chão”, como o romancista designava suas personagens, desfilam dramas sociais que são desnudados no enredo da presente narrativa. Por isso é mais que oportuna e bem-vinda a publicação da referida obra através da Editora da Universidade do Estado do Pará, em parceria com a Casa de Cultura Dalcídio Jurandir, parceria que nos dá, leitores ávidos, chance de

---

\* Universidade da Amazônia – UNAMA.

reler esta “narrativa iniciática” da mocidade de Alfredo, o personagem timoneiro do “Ciclo de Extremo Norte”. Falo aqui do processo de inclusão/exclusão – binômios inseparáveis –, no projeto de uma escola que se deseja, mesmo que contraditoriamente, aberta ao contemporâneo. Por isso trago para compor este texto, Rosita Edler Carvalho, estudiosa acerca do problema da exclusão escolar. Carvalho é doutora em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ –, e por isso mesmo transformou-se em referência quando se trata desta seara educacional.

Tratar de um assunto assim, latejante, significa, em primeira instância, assumir que uma das máculas de nossa “sociedade em trânsito” é a exclusão, seja ela racial, social, política ou econômica. Rosita Edler Carvalho é taxativa quando, no contexto escolar, trata dos “diferentes”, aqueles que trazem consigo “necessidades especiais”. Diz-nos a educadora:

[A inclusão] se não for implementada com a referida cautela, corre o risco de comprometer, uma vez mais, a trajetória desses seres humanos, aprisionando-os numa rede de significados... que tentam mascarar ou negar suas diferenças, numa construção discursiva sobre igualdade.

A igualdade diz respeito aos direitos humanos e não às características das pessoas, enquanto seres que sentem, pensam e apresentam necessidades diferenciadas e que, por direito de cidadania, devem ser compreendidas, valorizadas e atendidas segundo suas exigências biopsicossociais individuais (CARVALHO, 2006, p. 16)

O leitor mais atento que tiver acesso a **Primeira manhã** perceberá que a educadora refere-se, mesmo sem ter ciência disso, a um assunto que marca definitivamente a existência de Alfredo em sua saga migratória na capital do Pará. Dalcídio Jurandir em todo o seu projeto político e estético pretende, na figura da personagem Alfredo, que é acometido do problema da exclusão, demonstrar como toda a sua gente das estivas e ribanceiras amazônicas está à margem do processo educacional do início do século XX.

O enredo de **Primeira manhã** trata da chegada de Alfredo ao ginásio; o garoto marajoara traz simbolicamente consigo todos os potenciais ginásianos de Cachoeira – e outros tantos migrantes interioranos que intentavam melhoras de vida, através da educação. A certa altura do livro supracitado se lê: “O raio abriu a porta do Ginásio (...) entrava, a moleira amadurecendo, entrava homem, este diploma não lhe deu a Dolorosa? Trazia consigo a penca de menino e menina de Cachoeira e Muaná” (JURANDIR, 1967, p. 187). Afinal, não seria todo o

projeto da “aquonarrativa”<sup>1</sup> dalcidiana uma reiterativa proposição de inclusão – dos excluídos – na sociedade brasileira? Embora não se atenha tão somente à adversa realidade escolar, a sala de aula, diz o narrador, é um “aquário de gelo” (JURANDIR, 1967), este romance dalcidiano é, por excelência, um livro afeito à análise dos dramas humanos – o que torna esta obra trans-universal –, associados à arrogante educação nacional que, artificial e descomprometida, era (era?) praticada então. Senão vejamos este trecho em que “os lentes” do ginásio demonstram pouco caso com seus alunos:

Confronte a menina, séria, tão alvinha e frágil que, a um sopro só, em puro pó se tornaria, pensou Alfredo.

O mestre voltou-se num satisfeito, didático desprezo.

- Basta? A lição do Reno? Dêem-me o Reno na próxima aula, que dou nota. Hein? Enfim, vá lá, dou. Dou nota.

E saiu vagaroso piscando muito, ao peso dos seus rios. Com o minguinto coçava a sobrancelha.

De novo a campa: latim. De beíçame espichado, numa pressa administrativa, O Diretor passou. Latim (...) O pronunciar francês, latim? O martelo que abra a cabeça aos teoremas do professor Azarias? Aquele raio. Latim.

Estamos à espera. A corneta dos Bombeiros. Nem o vento sopra o pó domado, bolor das cátedras. Atenção. Primeiro a bengala, agora a pasta, a juba cinza alta, os óculos estourando, entrou o mestre fingindo briga, solenidade e pasmo.

- Você aí, seu cara de mucura? E ali a zebrinha? Também com o seu bico, seu ganso despenado?

Cercado de ablativos, entra um mormaço, as moscas espreitam; os espectros em plena manhã, percorrem o casarão... (JURANDIR, 1967, p. 243)

Evidencia-se no excerto a denúncia do narrador que explicita o desdém com que os professores tratam aqueles que deveriam ser sujeitos e não objetos da educação praticada nas escolas de nosso país – e este narrador, penso eu, faz questão de deixar em si as rasuras de DNA do autor empírico, o que faz pensar que ali as autorias diegética e extradiegética vivem em interseção. Irônico – na melhor tradição machadiana de, por exemplo, “Conto de Escola” – no qual a rua parece ensinar mais que a própria sala de aula, a influência do “bruxo do Cosme Velho” não chega a nos surpreender, pois o próprio Dalcídio Jurandir confessaria em uma de suas entrevistas ser um leitor contumaz de Machado de Assis –, o narrador de

---

1 - Estilo de escrita dos romances amazônicos de Dalcídio Jurandir, os quais primam pela semântica das águas, estilo encharcado, com períodos longos e atravessado de poesia, conforme defendo em **Pedras de encantaria** (NUNES, Belém, EDUNAMA, 2001).

**Primeira manhã** toma partido – autor empírico e autor diegético se aproximam – e não pretende deixar dúvidas ao leitor de que “há algo de podre no reino da Dinamarca”.

A manhã primeira de Alfredo, rapazinho ginasiano, é a de outras descobertas (sub)urbanas – iniciadas em **Belém do Grão-Pará** (2005), primeiro romance urbano do “Ciclo do extremo Norte”. Não é demais lembrarmos aqui – artifícios de uma obra novelística singular na literatura do Brasil moderno – que as lembranças da família Alcântara, que norteia **Belém do Grão-Pará**, vem à tona, reiteradamente, no enredo deste **Primeira manhã**, lembranças marcadas de erotismo, como se pode deduzir nos diálogos que o jovem Alfredo trava com algumas personagens femininas do enredo. O diálogo, nesta obra, é válido destacar, tem, a meu ver, algumas das mais instigantes páginas da literatura brasileira modernista, quando o autor marajoara demonstra todo o amadurecimento da engrenagem dramático-teatral de comunicar-se através da escrita, estratégia que, sabemos, não sendo bem utilizada, comprometerá decisivamente o “tensionamento” da narração.

O leitor de **Primeira manhã**, sem muito esforço, perceberá que em cerca de doze páginas, numa erótica “peleja cifrada”, conversam dois jovens personagens, observados à distância pela atenta dona Amélia, mãe de Alfredo. Na referida peleja, “desafio dialogado” em que o mote é amor, exercita-se um Alfredo pré-sedutor aos pés de Ludica, à luz do reluzente símbolo fálico em que se transforma o castiçal de oratório: o profano e o sagrado, assim, se confundem numa cena deslizante, como nos observaria com perspicácia Audemaro Taranto Goulart<sup>2</sup>.

Uma conversa emblemática se faz, desse modo, diálogo que sintetiza, na obra, o rito de iniciação do filho de dona Amélia – observe o leitor que o nome da personagem que dialoga com o irmão de Eutanázio é uma corruptela do significante “lúdica”, e o ludismo é uma das funções primordiais da literatura universal que se aplica ao texto escrito por Dalcídio Jurandir. No referido diálogo, percebe-se a retomada de uma metáfora já tratada em **Belém do Grão-Pará**, que, mesmo sem maiores pretensões, ressignifica a virilidade de Sebastião, irmão de dona Amélia, tido e havido aos olhos de seu sobrinho, Alfredo, como o viajante que enovela pessoas com suas histórias e seu modo sedutor de ser, principalmente ante as mulheres com quem ele se defronta. Refiro-me à citação da formiga taoca. Afinal, segundo o imaginário popular marajoara, o homem que é “mordido” pela taoca nunca ficará a “ver navios”, pois o inseto faz dele um privilegiado – e bem dotado – sedutor, irresistível diante das fêmeas.

---

2 - Refiro-me especialmente a “Do Heróico ao Erótico: uma leitura de **O Guarani**”, tese de doutoramento defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1993.

Mas nem só de diálogos competentes enuncia-se esta narrativa. Como se sabe, Dalcídio Jurandir trabalha com maestria outros recursos explorados pela narrativa moderna, como o monólogo interior, o fluxo de consciência e o discurso indireto livre. Este, em última análise, demonstra, por assim dizer, a fusão íntima entre o narrador e as personagens do enredo. O narrador de **Primeira manhã**, curiosamente, se mostra cúmplice das personagens e seus anseios. E dentre estas personagens destaca-se Alfredo, para quem se dirigem os *spot-lights* da trama. Não é à toa, afinal, que em sua primeira versão o romance chamar-se-ia “O Ginásiano”. Bem pensado, pois o mestre das (de)nominações e das construções metafóricas sugere que as calças curtas do menino serão – agora e definitivamente, a partir de mais esta experiência de Alfredo na cidade – substituídas pelas calças compridas (quem foi menino até a década de 60 sabe o que estou a falar). Não é gratuitamente que o Alfredo que adentra a sala de aula do ginásio sente-se desconfortável numa farda colegial que se lhe parece estranha, frouxa, rangente, espinhenta, enfim, incomodativa: tudo bem sintomático das sugestões enunciativas do autor do CEN. As roupas dão o tom de uma situação social e formal que desagrada e desconforta os estudantes. As roupas são metáforas e a figura de Alfredo parece sinalizar uma metonímia diante da situação forjada.

O que chama a atenção dos leitores nas páginas de **Primeira manhã** são as estratégias narrativas que associam os modos de contar dos narradores orais populares – a jamais esquecida *pneuma*, na mais franca acepção de Paul Zumthor (1993), que traz à tona a “voz da alma” dos vaqueiros e pescadores. Outro destaque construtivo deste romance é a opção pelo singular *cronotopo*, isto que Mikhail Bakhtin caracteriza como a associação de tempo e espaço do romance (BAKTIN, 1998). É aí que reside, a meu ver, a mais perfeita estratégia arquitetônica de **Primeira manhã**, pois o enredo do romance, perceberão os leitores, é quase que totalmente desprovido de ação – nele, salvo engano, as personagens mais pensam que agem. Por que, afinal, isso se daria? Porque a ação do romance se passa, aparentemente, nos subúrbios de Belém, mas, na verdade, o destaque emprestado ao psicológico – introspecções e lembranças – faz a ação oscilar entre a capital do Pará e o Marajó, na flutuação sistemática de pensamentos e divagações das personagens.

Diante deste forte marcador enunciativo, como fundir, então, ritmos temporais tão diversos em cenários tão diferentes como os de Cachoeira e Belém? Trata-se de uma ação hercúlea do autor diegético, e, muito mais, desconfio eu, do autor empírico. Talvez por esse motivo o leitor médio sintá-se menos atraído por **Primeira manhã** que por outros romances dalcidianos, como **Belém do Grão-**

**Pará**, por exemplo. Este é provavelmente mais dinâmico porque mais narrativo – neste gênero a descrição é algo que não se deve menosprezar. O estilo de escrita de Dalcídio, já percebeu o leitor, é fundamentalmente elíptico, exatamente porque os cortes cinematográficos do tempo são recorrentes em diversas obras cíclicas do Extremo Norte. Nesse particular o autor marajoara ao ousar, se aproxima, de certo modo, do formato temporal das narrativas contemporâneas.

Difícil se faz, nesta segunda (?) etapa da formação urbana de Alfredo, decodificar as “senhas da cidade” – uso propositadamente uma expressão do narrador de **Belém do Grão-Pará**, pois **Primeira manhã** dialoga persistente e reiteradamente com aquele –, pois ele, no novo estágio colegial, irá defrontar-se com novas “arapucas da cidade”. As angústias de Alfredo se fazem talvez maiores ainda quando, gradativamente, a personagem toma consciência de que ele está cada vez mais se afastando da infância, da família, do cotidiano cachoeirense, do carocinho de tucumã<sup>3</sup>, das infantis amizades marajoaras, dentre as quais se destaca a da “malina” Andreza, como denuncia um excerto de **Primeira manhã**:

[Alfredo] ia meter pelo olhinho dum caroco de tucumã toda a saudade dela: agora, sim, enterrei neste caroco inteiro tempo em que andamos juntos, assim, e para sempre, sem dizer água vai. Logo o caroco falava: Eu? Eu que te ligo? Pá. Corria para o pé de um na beira d’água: oi, tu aí, pirralho, me apanha do chão, que de dentro de mim te tiro esta menina... (JURANDIR, 1967, p. 29)

A angústia do menino, ao constatar que se despedaçam diante dele tempo e espaço, é, de algum modo, compensada, pela evocação do carocinho mágico – o de tucumã<sup>4</sup> –, com o qual Alfredo driblava seus “aperreios”, para se usar uma expressão do repertório do narrador. Mas o carocinho, como todo objeto mágico, fora de seu contexto primitivo, perde a força de “escoar o desassossego” do menino-moço. E Alfredo verá seu carocinho, aos poucos, diluir-se diante de uma experiência marcante e (des)veladora na urbe. E a personagem, a certa altura põe-se a inquirir: Andreza, eu preciso te escutar, vem me dizer o que que sinto e me arde... Rever Andreza era completar a juventude? (JURANDIR, 1967). Esta distância de Andreza, a menina-cobra-coral, não será a única angústia do menino. Outra aflorará, mais funda, e que fará as saudades diluírem-se: a origem mestiça de Alfredo, pois somente com uma profunda e dolorosa reflexão, o rapazito vai superar o fato de sua mãe ser negra e seu

---

3 - Sobre a função do caroco de tucumã, vide o belo ensaio de Josse Fares em **Asas da palavra**, revista da graduação em Letras da Universidade da Amazônia, organizada por Célia Jacob, em 1996.

4 - *Astocarium tucuma*, palmeira do meio Norte brasileiro, consultar a respeito pesquisas de linguagem do romancista da professora Rosa Assis, em [www.unama.br](http://www.unama.br), acesso em 25 de agosto de 2011.

pai branco – fato que trará outras consequências perturbadoras –, conforme se lê no trecho: “[Alfredo] Ficava, então entre a cabeça do pai na cauda do cometa [Halley] e o pé da mãe no estrume da horta? A questão ficava em ganhar dinheiro e mais nada?” (JURANDIR, 1967, p. 36).

A escrita caleidoscópica de Dalcídio Jurandir desafia o leitor com suas peripécias de enunciação que juntam num só texto o “ficto” e o “facto”<sup>5</sup>, como na passagem em que diante de um presumível levante que deporia o governo do Pará, o narrador enuncia:

Tudo o que for a Ordem Constituída, asile-se no Arsenal, por via das dúvidas. Assim foi no Lemos, assim com o Enéas Martins, bom papel higiênico usa a Marinha. E se vier a “Ajuricaba” barra a dentro? Pois não é só ferrugem e rato a fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra? Tanto é que aquela cobra grande, pleno dia, subiu, espiou pela boca dos canhões velhos, contam que engoliu os dois vigias que ali dormiam, jantou os ratos e afundou a fortaleza. Esvaziou-se o Ver-o-Peso, barcos canoas sumiram-se, restavam cofos e grudes pela calçada, os urubus sobre caranguejos mortos. (JURANDIR, 1967, p. 69)

Como que para diluir a tensão, que se avizinhava, o mito da cobra<sup>6</sup> surge, tal qual em **Três casas e um rio** (1994), para reacender na memória do leitor o fato de que na Amazônia a voz do mito é sagrada, pelo menos enquanto houver a floresta e os rios que se fazem solos férteis para o maravilhoso fluir e aflorar, como forma de explicação do universo.

Finalmente pode-se falar de **Primeira manhã** como um romance-rito, rito de passagem; um romance-grito, grito dos excluídos; um romance “ficto-facto”, ficção e realidade se enovelando para dar conta das contradições humanas na grande planície Amazônica. Uma narrativa que confirma em Dalcídio Jurandir, não por acaso, o autor da estonteante “aquonarrativa”. Afinal, nas páginas de **Primeira manhã**, o leitor, como destaca o não nomeado autor da orelha da edição da Martins, de 1967, caminha pelo “Norte regional e pelo homem universal, numa busca constante, onde o predominante não é um nem outro, senão ambos, indissolivelmente argamassados...” (JURANDIR, 1967, nota de orelha) Argamassar o cenário amazônico e os dramas humanos, eis um dom que Dalcídio Jurandir, internacionalista convicto, soube cultivar como poucos na literatura brasileira moderna.

---

5 - O leitor deve ater-se às pesquisas de Marli Tereza Furtado (UFPA), na qual a crônica jornalística praticada por Dalcídio auxilia na reiluminação da confecção da literatura. Aguardamos a publicação dos resultados da pesquisa.

6 - A respeito das vozes dalcidianas, ler FARES, Josebel (2005).

## Abstract

This paper shows the way literature represents the arrays of the capitalist society. In his novel, **Primeira manhã**, Dalcídio Jurandir through the character Alfredo, reports on the problems of the formal Brazilian education.

Key words: Representation; **Primeira manhã**; Dalcídio Jurandir; Education and Exclusion.

## Referências

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso Amoroso**. 11. ed. Tradução de Hortênsia Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: EDUNESP, 1998.

CARVALHO, Rosita Edler Carvalho. **Educação inclusiva com os pingos nos is**. Porto Alegre: Mediação. 2006.

FARES, Josebel. “Dos campos de Cachoeira a Belém do Grão Pará: encontro de vozes em Dalcídio Jurandir”. **Leitura: teoria & prática**. Ano 23, número 44, São Paulo: ABL/Global, 2005.

FARES, Josse & NUNES, Paulo. **Pedras de encantaria**. Belém: EDUNAMA, 2001.

FARES, Josse, In: JACOB, Célia (Org.) **Asas da Palavra**, revista da graduação em Letras da Universidade da Amazônia. n. 4, Belém: 1994.

GOULART, Audemaro Taranto. **Do heróico ao erótico: uma leitura de O Guarani** [Tese de doutoramento: São Paulo: FFLCH/DTLCC, USP, 1993.

JURANDIR, Dalcídio. **Primeira manhã**, São Paulo: Martins, 1967.

JURANDIR, Dalcídio. **Primeira manhã**. 2 ed. Belém: EDUEPA, 2009.

NUNES, Benedito *et al.* **Dalcídio Jurandir**, o romancista da Amazônia. Rio de Janeiro/Belém: FCRB/SECULT-PA, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.